

País paga esta semana mais US\$ 700 milhões

CLAUDIO LESSA
Especial para o CORREIO

Washington — Depois de longo e tenebroso inverno nova-iorquino, o gelo começa a derreter na esquina da Rua 53 com Avenida Lexington (sede do Citicorp): o Brasil conseguiu acertar com os bancos credores dois pontos considerados cruciais de um pacote de financiamento de médio prazo: montante (quase 6,4 bilhões de dólares) e taxa de risco (**spread**), que ficou nos 13/16 (0,8125) — a mesma obtida pelo México.

Esse avanço nas negociações abriu caminho para que o Brasil decidisse pagar esta semana mais 700 milhões de dólares aos bancos, deixando em dia o pagamento de juros de 1988. O Brasil paga o restante devido no mês de janeiro (580 milhões de dólares) mais todo o mês de fevereiro, que acaba hoje.

O pagamento será feito com as reservas do Brasil, e com o pagamento a ser **feito esta semana**, o Brasil terá pago cerca de 2 bilhões e 700 milhões de dólares desde o dia 30 de dezembro. Desse montante, mais de 1 bilhão e 700 mil dólares são oriundos das reservas brasileiras.

O comunicado divulgado pelo Citicorp diz que o acordo a que chegaram o Brasil e os credores envolve as necessidades de financiamento externo de médio prazo no período de 1987, 1988 e a

primeira metade de 1989, no valor de 5,8 bilhões de dólares — cifra bruta sujeita a uma redução pelo ajuste de taxas de juros, de acordo com reestruturação plurianual. Por outro lado, além dos 5,8 bilhões, serão reservadas quantias adicionais para a normalização de curto prazo de linhas de comércio e interbancárias — e com isso, chegam-se aos quase 6,4 bilhões de dólares. O comunicado diz também que a taxa de risco a que se chegou, de 13/16 acima da **libor**, incide tanto sobre o pacote de dinheiro novo a ser obtido pelo Brasil quanto sobre a reestruturação da dívida. Há também uma taxa de adesão antecipada de até 3/8 por cento.

O comunicado ainda cita o presidente do Banco Central do Brasil, Fernando Milliet, ao dizer que o Brasil planeja novos pagamentos dos juros de 1988, à medida em que as negociações avançarem. William Rhodes, líder do Comitê Assessor dos Bancos credores, também é citado ao dizer que as negociações sobre o pacote de médio prazo e o anúncio do pagamento dos juros vencidos até agora representam um passo significativo no restabelecimento das relações tradicionalmente boas do Brasil com os bancos credores comerciais. Ainda, segundo William Rhodes, continua o debate sobre outros elementos do pacote, inclusive formas alternativas de contribuição, por parte dos

bancos comerciais que comparecerão com dinheiro novo para a formação do pacote fechado em Nova Iorque.

O embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, considerou que o entendimento entre as duas partes abre as perspectivas para a conclusão mais abrangente do acordo com a comunidade financeira privada (os bancos comerciais), “que eu espero, possa ser atingido até meados do mês de março, e o restabelecimento do bom relacionamento brasileiro com a comunidade financeira internacional”.

O embaixador disse que o Brasil se sentia satisfeito com o montante obtido (5,8 bilhões de dólares mais cerca de 600 milhões em linhas de crédito comercial). Para ele, é importante ressaltar que no caso das linhas de crédito, que “havia sido reduzidas, tiveram restabelecidos não só os seus montantes, mas também os seus prazos naturais, que vão permitir aos bancos brasileiros **financiar o comércio** nos prazos costumeiros”.

Marcílio Marques Moreira considerou positiva a taxa de risco (**spread**) acertada com os bancos, “igual à do México, a melhor já obtida”, disse ter sentido que os interlocutores do Brasil também ficaram satisfeitos, “e reiteraram a disposição de terminar os outros aspectos da negociação, que são menos controvertidos, em geral”.